

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: DESESTIGMATIZANDO A DISCROMATOPSIA CONGÊNITA

Jaison Marques LUIZ¹, Rafael Silveira da MOTA², Veronice Camargo da SILVA³.

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL); ² Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); ³ Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS).

jaisonmarkss@gmail.com; rafa.motta92@gmail.com; veronice-silva@uergs.edu.br

Grupo de Pesquisa e Estudos Integrados à Educação: Linguagens e Letramentos

Resumo

Este trabalho apresenta uma pesquisa-ação com vistas à desestigmatização de temas emergentes, tais como a discromatopsia congênita. Diante disso, justifica-se este estudo na medida em que se faz necessário alertar os profissionais da educação para mais uma das diversas disfunções que podem ser identificadas na escola. O objetivo deste trabalho é analisar as reflexões de professores da educação básica, a partir de intervenções estratégicas a alunos daltônicos. As intervenções aconteceram numa escola do município de Bagé, a partir da proposta de um projeto piloto e contou com uma equipe de multiprofissionais, a saber: psicopedagogo, psicólogo e educador físico. Com isso, acredita-se que trabalhos assim contribuem à inclusão destes alunos, através de formações com professores que possibilitem a conscientização dos profissionais que trabalham na educação básica, preparando-os para a transversalidade da atuação docente.

INTRODUÇÃO

O trabalho de uma equipe multiprofissional é de criar elos para qualidade no ensino, estabelecendo pontes, em que ambos profissionais, por sua vez, proporcionem momentos de reflexão, construção do conhecimento, seja ele pessoal ou cognitivo, nos mais diferentes públicos, aliando professores, alunos e família e capacitando-os com temáticas que transpassam as já abordadas na escola, dando ênfase para inclusão.

Quanto aos recursos humanos, estes só terão êxito a partir de uma interação dos membros da equipe multiprofissional (...) cada um contribuindo com o trabalho do outro e atendendo a criança de forma integral. Nesse modelo de equipe os atendimentos são realizados na escola, as atividades são planejadas ao redor das tarefas educacionais e os profissionais não se isolam em suas próprias áreas específicas (FEWELL, 1983, apud LORENZINI, 1992).

Perante estas colocações, podemos ver a relevância de uma equipe multiprofissional inserida no contexto educacional, assim como, o desenvolvimento de mecanismos de aproximação com colegas, na busca pela tentativa de amenizar conflitos neste ambiente, propondo uma troca com o entendimento de que está ali com um único objetivo que é contribuir com a qualidade na educação.

Nesse sentido, é possível questionar como uma equipe de multiprofissional pode criar estratégias para contribuir na formação dos professores da educação básica a respeito da discromatopsia congênita?

Para tanto, propôs-se um projeto piloto numa escola da rede pública no município de Bagé para verificar a existência de daltônicos e teve como objetivo geral analisar as reflexões dos professores da educação básica, a partir de intervenções e estratégias proporcionadas por uma equipe multiprofissional, para trabalhar com alunos que possuem discromatopsia congênita.

Destaca-se que a intenção foi ampliar a visão dos professores, através de estratégias que busquem momentos de reflexão, por meio de formações sensibilizadoras, que proponham a construção do conhecimento e a compreensão conceitual em relação ao daltonismo.

Este trabalho justifica-se na medida em que se faz necessário alertar aos profissionais da educação que a discromatopsia congênita é mais uma das diversas disfunções que podem ser

identificadas na escola e que, muitas vezes, existem profissionais que desconhecem tal disfunção.

Em relação ao contexto escolar, Mantoan (2006) afirma que:

A escola prepara o futuro e, de certo que, se as crianças aprendem a valorizar e a conviver com as diferenças nas salas de aulas, serão adultos bem diferentes de nós, que temos de nos empenhar tanto para entender e viver a experiência da inclusão! (MANTOAN, 2006, p.91).

Com isso, acredita-se que trabalhos assim podem vir a contribuir com a inclusão de alunos daltônicos, com formações que possibilitem a conscientização dos profissionais que trabalham na educação básica, preparando-os para a transversalidade da atuação docente.

METODOLOGIA

A pesquisa caracterizou-se como pesquisa-ação, a partir de uma abordagem qualitativa. Thiollent (1985), pesquisa-ação caracteriza como:

Um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14).

Para realização deste estudo foi convidada uma escola da rede municipal da cidade de Bagé/RS que aceitou participar de um projeto piloto. Para verificar a existência de daltônicos no contexto escolar, aplicou-se o teste com as com *as lâminas pseudoisocromáticas de Ishihara*¹, que visava detectar alunos daltônicos. Os sujeitos foram 31 professores, dos turnos da manhã e da tarde. Todos assinaram o termo de consentimento. Para dar conta do objetivo proposto, contou-se com uma equipe de multiprofissionais composta por um Psicopedagogo, um Psicólogo e um Educador Físico. Para a coleta de dados foi solicitado que os professores escrevessem suas concepções iniciais (antes das intervenções) e finais (após as intervenções) a respeito do daltonismo. Para fins de análise, selecionaram-se duas concepções de professores, escolhidas de forma aleatória.

As intervenções aconteceram da seguinte forma: educador físico, trabalhou com relacionados a sensibilização do corpo para aproximar a realidade do daltônico daqueles que possuem visão “normal”, com o intuito de possibilitar a compreensão de como um indivíduo daltônico enxerga. O Psicólogo auxiliou na aplicação dos testes, juntamente com a formação dos professores e suas perspectivas de inclusão desses alunos e as interações. O Psicopedagogo trabalhou com professores quanto à utilização de metodologias diferenciadas.

A intervenção realizada consistia em um circuito, em que metade dos professores ficava na sala de reuniões com a equipe de multiprofissionais, entendendo um pouco mais sobre a disfunção visual em específico, e a outra metade direcionava-se para outra sala, com o outro profissional responsável pela realização de testes de daltonismo e a interação com o material vindo de Portugal. Quanto ao material utilizado para esta formação, a mesma deu-se com o auxílio de vinte óculos, desenvolvidos pela ColorADD², os quais foram enviados, como exemplares para o Brasil.

¹ As *lâminas pseudoisocromáticas de Ishihara* são os testes mais conhecidos para detectar defeitos de visão de cores. É um teste altamente sensível para avaliar problemas hereditários e detectar indivíduos com defeitos menores. Eles consistem em folhas diferentes que imprimiram uma série de pontos de cores e tamanhos diferentes, que mascaram um número ou uma figura. (Borrás MR, Castañé M, 1993, p. 269)

² **ColorADD** é uma linguagem única, universal, inclusiva e não-discriminativa que permite ao daltônico identificar cores, com amplo espectro infinito de uso em empresas / entidades sempre que a cor for um fator de identificação, orientação ou escolha. (NEIVA, 2010)

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao analisar os dados, constatou-se que dos professores do turno da manhã que participaram da formação, somente três sabia conceituar daltonismo. Após as intervenções, os professores participantes relataram tópicos abordados ao longo da discussão, salientando a necessidade em desenvolver trabalhos com essa temática no contexto educacional. No entanto, sabe-se que toda e qualquer formação que tenha o intuito de esclarecer e/ou aperfeiçoar os conhecimentos são de grande valia para a educação, tendo em vista que a formação continuada (AMORIM, 2015) é o processo de reciclagem de qualquer profissional que busque agregar em seus conhecimentos, visando aprimorá-los, por meio de reciclagens e capacitações, as quais abordam os percalços da formação. Com isso, Penteado (2014, p.42) contribui ao dizer que a formação “(...) é um processo movente, inacabado e constante, este momento é construído de reflexão sobre a realidade na qual o homem vive e atua”.

Sobre a concepção inicial de daltonismo, um dos professores relatou que “é a falta de nitidez nas cores, ou seja, não identifica as cores.” Após a realização do teste, o mesmo professor diz que percebeu que “o daltonismo é a falta de sensibilidade, de ver a cor, principalmente, as primárias”. Argumenta ter compreendido e achou interessante o trabalho e acrescenta que “deveria existir políticas públicas que oferecessem formações para ajudar os alunos”.

Nesse sentido, Mantoan (2006) afirma que “há diferenças e há igualdades e nem tudo deve ser igual nem tudo deve ser diferente, (...) é preciso que tenhamos o direito de ser diferente quando a igualdade nos descaracteriza e o direito de ser iguais quando a diferença nos inferioriza.” (MANTOAN, 2006, p. 7-8), ou seja, ser diferente ou ser igual, não é algo rígido, mas flexível de acordo com as necessidades do indivíduo.

As concepções do grupo da tarde não foram diferentes, no entanto, das treze professoras, apenas uma não soube opinar sobre a temática e ainda salienta, “a experiência de encarar esse desafio sobre a inclusão, nos coloca em uma posição que propicia uma ideia de como a pessoa daltônica enxerga o mundo, onde este aluno muitas vezes é jogado em uma sala e o professor muitas vezes não sabe nem como interagir”.

Contudo, ao analisar os conceitos destes professores em relação ao daltonismo, percebeu-se que o grupo acreditava que o daltônico é aquela pessoa que “troca as cores”, vindo depois a concretizar-se de outra maneira, menos abstrata. No final da intervenção a mesma relatou que “A dificuldade de identificar as cores causa certa insegurança. Agora percebo melhor as dificuldades que as pessoas com daltonismo passam”.

Para auxiliar na definição dos professores acima, o autor Varela (2015) afirma:

Daltonismo é um distúrbio da visão que interfere na percepção das cores. Também chamado de discromatopsia ou discromopsia, sua principal característica é a dificuldade para distinguir o vermelho e o verde e, com menos frequência, o azul e o amarelo. Em maior ou menor grau, essa é a única alteração visual que os daltônicos apresentam. Um grupo muito pequeno, porém, tem visão acromática, ou seja, só enxerga tons de branco, cinza e preto. (VARELLA, 2015).

Por conseguinte, notou-se que a maioria dos professores tinha a visão de que essa disfunção visual propicia apenas a troca das cores ou não enxergá-las, porém, ao obterem as informações que foram oferecidas e experienciar o que é “ser daltônico”, através do material de Portugal, os mesmos refletem seus conceitos iniciais, inclusive suas práticas.

Para melhor compreender suas reflexões, traz-se o relato de outra professora, também escolhida de maneira aleatória que relata, “Algo a ser bem “cuidado”, deve ser repensado. Parece tão simples, ouvimos falar tanto, mas não damos a devida atenção, pensar que muitos dos nossos alunos têm essa disfunção visual e às vezes os forçamos de forma errônea, que acabamos retraindo-os”. Percebe-se nessa fala, o real sentido das intervenções, de inquietar estes professores e fazê-los refletir suas práticas, acerca das questões que envolvem as cores, não retraindo os alunos no seu processo de aprendizagem, mas conduzindo-os, com um olhar

atento, relevando e respeitando suas condições, caso este seja portador dessa disfunção visual. Para isso, nada melhor do que colocar-se no lugar do outro, exercendo a empatia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O daltonismo, evidentemente desconhecido por parte daqueles que estão no contexto educacional, deve ser mais trabalhado e refletido na sociedade, começando pelas escolas e partindo para os demais espaços sociais, considerados espaços não-formais. Afinal, não há como debater inclusão, quando uma parcela destes não está incluso nas pautas e formações dos profissionais que lidam com as mais diversas diferenças.

Intervenções como estas deveriam ser valorizadas e replicadas em todo o contexto educacional, pois é nele que muitos adquirem informação, desenvolvem seu senso crítico e são diagnosticados, correta ou erroneamente, podendo acarretar em grandes dificuldades de aprendizagem, se não forem bem abordadas, respeitando as potencialidades e heterogeneidades dos alunos. Afinal, este tipo de pesquisa contribui com (in)formação da população, visto que o número de portadores dessa disfunção visual, já mencionado neste trabalho é excessivo e desconhecido por muitos.

REFERÊNCIAS

BORRÁS, M.R.; CASTAÑÉ, M.; ONDATEGUI, J.C.; PACHECO, M.; PERIS, E.; SÁNCHEZ, E.; VARÓN, C.. Optometría. Manual de exámenes clínicos. Barcelona: Edicions UPC. 1993.

LORENZINI, M. V. *O papel do fisioterapeuta em classe especial de crianças portadoras de deficiência física*. Fisioter Mov 1992; 4(2):17-25.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?* São Paulo : Moderna , 2006.

NEIVA, M. ColorADD. *Why ColorADD*. 2010. Disponível em: <http://www.coloradd.net/why.asp>. Acesso em: 01 mai. 2019.

PENTEADO, M. E. L. *Formação em serviço: a análise de uma proposta de formação construída por e para educadores*. Jundiaí: Pacto Editorial, 2014. In: LIMA, I. M. S.; FRANCO, M. J. N.; CUNHA, K. S. Reflexões sobre formação de professores e processos de ensino e aprendizagem. Recife: Editora Universitária UFPE, 2013.

THIOLLENT, M.. *Metodologia da Pesquisa-Ação*. São Paulo: Cortez,1985.

VARELLA, D. Site Drauzio. Doenças e Sintomas. In: *Daltonismo*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/letras/d/daltonismo/>. Acesso em: 01 mai. 2019.